



ATIVIDADE CONSOLIDADA DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

em 30 de junho de 2015

Contas não auditadas





Índice

1 – Síntese da evolução no 1º semestre.....	5
2 – CGD: Números em destaque	7
3 – Enquadramento económico-financeiro.....	9
4 – Informação consolidada	12
Resultados	12
Balço	14
Liquidez.....	15
Solvência.....	16
5 – Segmentos de atividade	17
Banca comercial.....	17
Atividade internacional	23
Banca de investimento	26
6 – <i>Rating</i>	29
7 – Sustentabilidade	30
8 – Contas consolidadas	32

[Página propositadamente deixada em branco]

1 – Síntese da evolução no 1º semestre ⁽¹⁾

Por forma a garantir a comparabilidade, os valores do resultado líquido e do resultado antes de impostos e de interesses que não controlam referentes ao primeiro semestre de 2014 foram ajustados de modo a refletir a apropriação de 15% do resultado da Fidelidade e 20% da Cares e Multicare, o que corresponde às percentagens atualmente detidas pelo Grupo CGD no seu capital social, e a exclusão da mais-valia reconhecida com a venda de participações nas referidas seguradoras concretizadas nesse período.

Resultados

- O resultado líquido consolidado da CGD, atribuível ao acionista no 1º semestre de 2015, atingiu 47,1 milhões de euros, uma melhoria de 216,4 milhões de euros face ao período homólogo do ano anterior.
- O resultado antes de impostos e de interesses minoritários atingiu 213,5 milhões de euros, o que representa, face ao valor do 1º semestre de 2014, um crescimento de 324,2 milhões de euros.
- A margem financeira da CGD cresceu 14,3% face ao semestre homólogo de 2014, continuando a beneficiar da redução do custo de *funding*, em especial do custo dos depósitos, superior à redução, também sentida, nos proveitos de operações ativas.
- O produto bancário alcançou 1.154,2 milhões de euros neste período, uma evolução positiva de 25,8% quando comparada com o 1º semestre de 2014, impulsionado quer pelo já referido comportamento da margem financeira, quer pelo forte contributo dos resultados de operações financeiras.
- O resultado bruto de exploração atingiu 501,6 milhões de euros, um crescimento de 72,1% que se ficou a dever aos contributos quer da operação doméstica da CGD, quer das operações internacionais do Grupo que representaram 40,5% do total no 1º semestre de 2015.
- O montante de provisões e imparidades do semestre atingiu 321,7 milhões de euros, uma redução de 99,2 milhões de euros (-23,6%) face aos 420,9 milhões de euros do período homólogo de 2014, refletindo a melhoria gradual das condições de risco de crédito nos mercados em que a CGD atua.

Balanço

- O valor do ativo líquido do balanço consolidado da CGD manteve-se no final de junho praticamente ao mesmo nível do verificado um ano antes, alcançando 100.238 milhões de euros (+33 milhões de euros).
- A carteira de crédito a clientes, incluindo créditos com acordo de recompra, atingiu um valor bruto de 71.855 milhões de euros, tendo-se reduzido em 1.205 milhões de euros (-1,7%) face a junho de 2014, dos quais 1.196 milhões de euros dizem respeito ao impacto líquido do crédito à habitação em Portugal, cujo aumento de novas

¹ Os valores relativos a junho de 2014 foram reexpressos refletindo a adoção da Interpretação IFRIC 21 do *International Financial Reporting Interpretations Committee*, que conduziu ao reconhecimento nas contas do primeiro semestre de 2014, pela sua totalidade, dos encargos suportados no exercício com a contribuição extraordinária sobre o setor bancário e com as contribuições para o Fundo de Garantia de Depósitos e Fundo de Resolução.

operações (+58,5% face ao período homólogo) não foi suficiente para compensar o vencimento natural da carteira existente.

- A carteira de crédito a empresas em Portugal registou um decréscimo de 6% face a junho de 2014 e de 3,3% face a dezembro de 2014, tendo a quota de mercado estabilizado nos 18,0% em maio de 2015, apesar das agressivas condições concorrenciais vividas no mercado de crédito nacional.
- Merece especial destaque o crescimento da nova produção de crédito a PME's no primeiro semestre de 2015 (+37,1%) face ao período homólogo de 2014.
- Os recursos de clientes variaram positivamente, crescendo 3.116 milhões de euros (+4,6%) quando comparados com junho de 2014, atingindo 70.242 milhões de euros, demonstrando o papel de referência do setor financeiro nacional desempenhado pela CGD.
- O rácio de transformação atingiu os 94,8%, refletindo um *gap* comercial negativo de 3.613 milhões de euros, o que mais uma vez evidencia a robustez da capacidade de captação de recursos de retalho da CGD.

Liquidez

- Refletindo a sua confortável situação de liquidez, o Grupo CGD diminuiu o seu financiamento junto do BCE no último ano em 2.379 milhões de euros (-45,0%) para 2.906 milhões de euros no final de junho de 2015.
- Em paralelo, e no mesmo período, o Grupo CGD reduziu também o montante de ativos elegíveis afetos à *pool* do BCE em 1.183 milhões de euros (-9,0%) para 11.962 milhões de euros em junho de 2015. O valor de ativos disponíveis na referida *pool* era pois de 9.055 milhões de euros no final do 1º semestre de 2015, o que compara favoravelmente com os 7.806 milhões de euros disponíveis um ano antes.
- O indicador *Liquidity Coverage Ratio* (LCR) atingiu no final de junho 135,9% (99,9% um ano antes), valor significativamente acima do requisito mínimo de 60% exigido a partir de outubro de 2015 e de 100% para 2018.
- Em janeiro de 2015 a CGD regressou ao mercado primário com uma emissão de Obrigações Hipotecárias no montante de 1.000 milhões de euros, no prazo de 7 anos, com um cupão de 1%.

Solvência

- Os rácios *Common Equity Tier 1* (CET1) *Phased-in* e *Fully Implemented*, calculados de acordo com as regras da CRD IV / CRR e considerando a aplicação do regime especial dos ativos por impostos diferidos, alcançaram em 30 de junho de 2015, 10,8% e 9,6%, respetivamente, valores que comparam com 11,5% e 10,6% registados um ano antes.

2 – CGD: Números em destaque

(milhões de euros)

RESULTADOS	2014-06	2014-12	2015-06	Variação 2015-06 vs 2014-06	
				Abs.	(%)
Margem financeira estrita	481,2	-	538,9	57,6	12,0%
Margem financeira alargada	509,2	-	582,1	72,8	14,3%
Comissões líquidas	251,4	-	247,7	-3,7	-1,5%
Margem complementar	408,0	-	572,1	164,1	40,2%
Produto da atividade bancária	917,2	-	1.154,2	236,9	25,8%
Custos operativos	625,7	-	652,5	26,8	4,3%
Resultado bruto de exploração	291,5	-	501,6	210,1	72,1%
Result. antes de imp. e int. que não controlam	168,7	-	213,5	44,8	26,5%
Res. antes imp. e int. não controlam, ajustado (1)	-110,7	-	213,5	324,2	-
Resultado líquido do exercício	110,1	-	47,1	-63,0	-57,2%
Resultado líquido do exercício, ajustado (1)	-169,3	-	47,1	216,4	-
BALANÇO					
Ativo líquido	100.205	100.152	100.238	33	0,0%
Disponib. e aplic. em instituições de crédito	4.917	5.130	6.090	1.173	23,9%
Aplicações em títulos (2)	19.456	19.562	19.951	495	2,5%
Crédito a clientes (líquido) (3)	68.171	67.554	66.639	-1.532	-2,2%
Crédito a clientes (bruto) (3)	73.060	72.785	71.855	-1.205	-1,7%
Recursos de bancos centrais e inst. de crédito	8.435	6.002	6.019	-2.416	-28,6%
Recursos de clientes	67.126	71.134	70.242	3.116	4,6%
Responsabilidades representadas por títulos	8.369	7.174	8.170	-199	-2,4%
Capitais próprios	7.189	6.493	6.391	-798	-11,1%
RECURSOS CAPTADOS DE CLIENTES	94.815	100.086	100.058	5.243	5,5%
RÁCIOS DE RENDIBILIDADE E EFICIÊNCIA					
Rend. bruta dos capitais próprios - ROE (4) (5)	4,7%	-3,2%	6,3%		
Rend. líquida dos capitais próprios - ROE (5)	3,9%	-3,6%	2,7%		
Rendibilidade bruta do ativo - ROA (4) (5)	0,3%	-0,2%	0,4%		
Rendibilidade líquida do ativo - ROA (5)	0,3%	-0,3%	0,2%		
Cost-to-income (4)	67,4%	75,5%	54,9%		
Custos com pessoal / Produto atividade (4)	38,0%	41,5%	31,7%		
Custos operativos / Ativo líquido médio	1,1%	1,3%	1,3%		
Produto atividade / Ativo líquido médio (4)	1,7%	1,7%	2,4%		

Nota: Os valores relativos a junho de 2014 foram reexpressos refletindo a adoção da Interpretação IFRIC 21 do *International Financial Reporting Interpretations Committee*, que conduziu ao reconhecimento nas contas do primeiro semestre de 2014, pela sua totalidade, dos encargos suportados no exercício com a contribuição extraordinária sobre o setor bancário e com as contribuições para o Fundo de Garantia de Depósitos e Fundo de Resolução.

(1) Por forma a garantir a comparabilidade, os valores do resultado líquido e do resultado antes de impostos e de interesses que não controlam referentes ao primeiro semestre de 2014 foram ajustados de modo a refletir a apropriação de 15% do resultado da Fidelidade e 20% da Cares e Multicare, o que corresponde às percentagens atualmente detidas pelo Grupo CGD no seu capital social, e a exclusão da mais-valia reconhecida com a venda de participações nas referidas seguradoras concretizadas nesse período.

(2) Inclui ativos com acordo de recompra e derivados de negociação.

(3) Inclui ativos com acordo de recompra.

(4) Rácios definidos pelo Banco de Portugal (Instrução nº 23/2012).

(5) Considerando os valores de capitais próprios e de ativo líquido médios (13 observações).

(%)

QUALIDADE DO CRÉDITO E GRAU DE COBERTURA

	2014-06	2014-12	2015-06
Crédito vencido / Crédito total	7,6%	7,7%	7,9%
Crédito vencido > 90 dias / Crédito total	7,0%	7,1%	7,4%
Crédito com incumprimento / Crédito total ⁽⁴⁾	8,8%	8,9%	9,7%
Créd. c/ incumprim. (líq.) / Crédito total (líq.) ⁽⁴⁾	2,2%	1,8%	2,6%
Crédito em risco / Crédito total ⁽⁴⁾	11,9%	12,2%	12,4%
Crédito em risco (líq.) / Crédito total (líq.) ⁽⁴⁾	5,5%	5,3%	5,5%
Crédito reestruturado / Crédito total ⁽⁶⁾	10,0%	10,6%	10,1%
Cred. reestr. não incl. no cred. risco / Cred. total ⁽⁶⁾	6,0%	6,3%	5,3%
Cobertura do crédito vencido	87,2%	91,8%	92,9%
Cobertura do crédito vencido > 90 dias	95,2%	99,7%	99,1%
Impar. cred. (DR) / Créd. a client. (saldo médio)	1,02%	1,18%	0,66%

RÁCIOS DE ESTRUTURA

Crédito a clientes (líquido) / Ativo líquido	67,3%	66,8%	66,0%
Créd. a clientes (líq.) / Depósitos de clientes ⁽⁴⁾	101,1%	94,5%	94,8%

RÁCIOS DE SOLVABILIDADE E LIQUIDEZ (CRD IV/CRR) ⁽⁷⁾

<i>Common equity tier 1 (phased-in)</i>	11,7%	10,9%	
<i>Tier 1 (phased-in)</i>	11,7%	10,9%	
<i>Total (phased-in)</i>	13,6%	12,7%	
<i>Common equity tier 1 (fully implemented)</i>	10,8%	9,8%	
<i>Common equity tier 1 - com DTA (phased-in)</i>	11,5%	11,1%	10,8%
<i>Tier 1 - com DTA (phased-in)</i>	11,5%	11,1%	10,8%
<i>Total - com DTA (phased-in)</i>	13,4%	12,9%	12,2%
<i>Common equity tier 1 - com DTA (fully implemented)</i>	10,6%	10,2%	9,6%
<i>Liquidity coverage ratio</i>	99,9%	103,6%	135,9%

(4) Rácios definidos pelo Banco de Portugal (Instrução nº 23/2012).

(6) Rácios definidos pelo Banco de Portugal (Instrução nº 32/2013).

(7) Os rácios de solvabilidade incluem os resultados do período.

3 – Enquadramento económico-financeiro

O ritmo de expansão da economia mundial abrandou no decurso do 1º semestre de 2015 devido, sobretudo, ao frágil desempenho alcançado durante o primeiro trimestre do ano. Este período voltou, à semelhança do ano passado, a ser condicionado por condições climatéricas adversas nos EUA, para além da moderação sentida no bloco emergente, nomeadamente da América Latina e em diversas economias do sudeste asiático. No segundo trimestre, com os indicadores económicos a revelarem um progresso modesto, com exceção da Área Euro e Japão que evidenciaram uma melhoria mais pronunciada, aumentaram os níveis de preocupação com a solidez da atividade global. Para tal contribuíram, uma vez mais, o crescente impasse nas negociações entre a Grécia e as instituições, a par das incertezas de natureza geopolítica, nomeadamente no Médio Oriente.

A contração de 0,2%, em cadeia e anualizado, do PIB dos EUA, teve um contributo central para o crescimento desapontante de apenas cerca de 1,7%, em cadeia, da economia mundial no primeiro trimestre de 2015. Em termos geográficos, a debilidade permaneceu muito disseminada, salientando-se, ainda, a contração do PIB brasileiro, a par do crescimento mais fraco, em seis anos, da economia chinesa.

Após o registo de variações muito diminutas ou mesmo negativas dos preços no consumidor em diversas regiões no início do ano, a inversão parcial da cotação do petróleo nos mercados internacionais levou a um ligeiro aumento da inflação. A mesma permaneceu, contudo, e salvo raras exceções, em valores muito baixos, continuando a não se assistir a quaisquer pressões inflacionistas de relevo.

No decurso do semestre os bancos centrais permaneceram determinados em implementar mais estímulos monetários num contexto de pressões inflacionistas muito baixas, não só através da redução das taxas diretoras, com destaque neste caso para economias emergentes, nomeadamente para a China, a Índia e a Rússia, mas igualmente, e de novo, através de medidas de carácter não convencional. Neste contexto, saliente-se a decisão do Banco Central Europeu (BCE) de ampliar o seu programa de aquisição de ativos, acrescentando a aquisição de obrigações governamentais, assim como de dívida de instituições europeias de caráter supranacional, com o intuito de injeção de liquidez num total de 60 mil milhões de euros por mês. O Banco de Inglaterra e a Reserva Federal (FED) dos EUA deram a entender que o próximo movimento deverá ser o de proceder ao primeiro agravamento desde 2006 das respetivas taxas de juro diretoras, decisão que no caso da FED é possível que suceda ainda no decurso do presente ano. Em sentido contrário à adição de estímulos monetários, a exceção mais notória voltou a ser o Brasil, como no semestre anterior, devido à necessidade de dar resposta à aceleração da inflação.

Nos EUA, fatores temporários, nomeadamente, as referidas condições climatéricas adversas, bem como a realização de greves em diversos portos marítimos da costa oeste do país, levaram o PIB a registar uma ligeira contração no primeiro trimestre do ano. Seguiu-se uma recuperação no segundo trimestre, ainda que modesta, impulsionada pelo setor da construção e, sobretudo, pelo consumo privado, à qual não terá sido alheia a melhoria do mercado de trabalho. Na primeira metade de 2015 continuou a registar-se uma assinalável criação de postos de trabalho, com a taxa de desemprego a encerrar o semestre nos 5,3%, o nível mais baixo desde maio de 2008.

Na Área Euro, a evolução do produto da região no 1º trimestre correspondeu ao oitavo trimestre consecutivo de expansão, salientando-se o forte contributo da procura interna. Nesse trimestre, e no seguinte, os indicadores de sentimento dos empresários

Economia mundial com abrandamento do ritmo de expansão

Japão e Área Euro com contributos favoráveis para o crescimento global

Inflação em patamares muito baixos, salvo raras exceções

Ampliação do programa de aquisição de ativos do BCE

Taxa de desemprego nos EUA regista nível mais baixo desde maio de 2008, situando-se em junho de 2015 nos 5,3%

Forte contributo da procura interna para o crescimento da Área Euro

Retorno a crescimento positivo da concessão de crédito na Área Euro

continuaram a desenhar uma trajetória de melhoria, tendo sido atingido o nível mais elevado dos últimos quatro anos. Saliente-se ainda, pela positiva, o regresso ao crescimento da concessão de crédito, com a variação homóloga, ainda em maio, a fixar-se no nível mais elevado desde o início de 2012. No que respeita à inflação, a variação homóloga encerrou 0,4 p.p. acima do verificado no final de 2014, situando-se em 0,2%, valor ainda muito abaixo do objetivo de 2,0%, fixado pelo BCE.

Crescimento do PIB em Portugal de 0,4% no 1º trimestre e de 1,5% em termos homólogos

Em Portugal, o PIB cresceu 0,4% no 1º trimestre, uma variação idêntica à verificada no trimestre anterior, tendo, em termos homólogos, acelerado de 0,6% para 1,5%. A procura doméstica liderou a recuperação e os indicadores posteriormente divulgados continuaram a apontar para uma retoma da atividade assente naquelas componentes. Quer o clima económico, quer a confiança dos consumidores, mantiveram o perfil de melhoria iniciado no final de 2012. No mercado laboral, a taxa de desemprego fixou-se em 13,2%, 0,4 p.p. abaixo do verificado no final do ano passado. No que respeita à inflação, após diversas observações negativas, a partir de março voltaram a verificar-se valores positivos, com o registo de junho a corresponder ao segundo mais elevado, em termos homólogos, desde meados de 2013.

No Japão, a economia no 1º trimestre deu sinais de que continua a recuperar do impacto negativo decorrente do aumento do IVA decretado em 2014. O PIB registou, naquele trimestre, e comparativamente com o anterior, um crescimento de 1,0%, após um acréscimo marginal no período precedente (+0,3%). A inflação continuou longe do objetivo do banco central tendo-se fixado, ainda em maio, em 0,5%, ou seja 1,9 p.p. abaixo do registado no final de 2014, o nível mais baixo em dois anos.

Apesar de algum desapontamento ao nível do crescimento económico desde o início do ano, até ao início do segundo trimestre continuou elevado o apetite pelo risco nos mercados financeiros, tendo inclusivamente a volatilidade diminuído, aproximando-se dos mínimos históricos dos últimos anos. A ação expansionista dos bancos centrais permaneceu como o fator decisivo. As incertezas geradas pela situação na Grécia e, em paralelo, a acentuada correção das ações na China, numa altura em que não só aquela economia como praticamente todo o bloco emergente demonstra uma contínua tendência de arrefecimento, contribuíram para que o otimismo dos investidores se atenuasse perto da transição do primeiro para o segundo semestre do ano.

Yields soberanos com movimento generalizado de subida desde abril

A expectativa e posterior adição de mais estímulos monetários à economia da Área Euro por parte do BCE, a par dos sinais de consolidação orçamental, levaram a que tivesse prevalecido durante a primeira parte do primeiro semestre deste ano um contexto de taxas de rendibilidade, a 10 anos, baixas e em queda. Em março, foram atingidos novos mínimos históricos desde a adesão à União Económica e Monetária por parte de Portugal, Espanha e Itália, enquanto nos casos da Alemanha e da França as respetivas *yields* atingiram mínimos um mês depois, em meados de abril. A partir das respetivas datas referidas, e até ao final do semestre, assistiu-se a um movimento generalizado de subida das taxas, não só na Europa, como também nos EUA. Este desempenho foi, por um lado, reflexo de um aumento das expectativas inflacionistas de longo prazo, impulsionadas pela recuperação do preço do petróleo e estabilização dos dados da inflação, e, por outro lado, consequência da crescente dificuldade na obtenção de um acordo entre a Grécia e as instituições internacionais, aspeto que condicionou particularmente a evolução das taxas na periferia europeia.

Novos mínimos históricos nos principais prazos das taxas Euribor

Apesar da melhoria dos indicadores, quer de sentimento, quer de conjuntura económica na Área Euro, assistiu-se, ao longo do semestre, a novas descidas das taxas Euribor, tendo os principais prazos atingido novos mínimos históricos, comportamento que se deveu sobretudo aos receios de deflação.

A tendência de depreciação do euro manteve-se permanente durante o primeiro trimestre do ano, acentuando-se, inclusive, até ao momento do anúncio das novas medidas de carácter expansionista na região por parte do BCE, em março. Nessa altura, a cotação do euro face à moeda norte-americana chegou aos \$1,048, ou seja, o registo mais baixo desde o início de 2003.

No 1º trimestre, o euro registou uma depreciação em relação à moeda norte-americana superior a 13%. Posteriormente, no 2º trimestre, verificou-se uma apreciação de 3,9% daquela cotação, em consequência da divulgação de indicadores económicos mais favoráveis na Área Euro em relação aos EUA.

Os principais índices acionistas atingiram em meados do semestre sucessivos máximos históricos, quer no caso dos EUA, quer no caso europeu, o qual, ainda no 1º trimestre, registou o maior ganho trimestral desde 2009. Até essa altura, a adição de novos estímulos monetários por parte dos principais bancos centrais, anúncios de fusões e de aquisições de empresas, nomeadamente nos EUA, e a conjuntura de retoma nas principais economias europeias constituíram os principais fatores de suporte a este mercado. A tendência de valorização foi interrompida a partir do final do mês de maio, à medida que se foram acentuando as incertezas em torno da situação na Grécia e se assistiu a uma forte correção do mercado acionista na China após um período de forte valorização.

Cotação do euro face à moeda norte-americana com o registo mais baixo desde 2003

Principais índices acionistas atingiram sucessivos máximos históricos

4 – Informação consolidada

Resultados

Resultado consolidado antes de impostos e de interesses minoritários atingiu 213,5 M€, um aumento de 324,2 M€

A CGD volta a apresentar lucros no 1º semestre de 2015, tendo o resultado líquido consolidado da CGD, atribuível ao acionista no período, atingido 47,1 milhões de euros, uma melhoria de 216,4 milhões de euros face ao período homólogo do ano anterior.

Num contexto de descida continuada das taxas de juro e acrescida concorrência, o resultado consolidado da CGD antes de impostos e de interesses minoritários atingiu 213,5 milhões de euros, o que representa, face ao valor do 1º semestre de 2014, um crescimento de 324,2 milhões de euros.

Gestão ativa da margem financeira propicia crescimento de 14,3%

Apesar da trajetória descendente das taxas Euribor, a gestão ativa da margem financeira que incidiu em particular nas operações passivas proporcionou um crescimento homólogo de 57,6 milhões de euros (+12,0%) da margem financeira estrita, a qual beneficiou assim de uma diminuição do custo de *funding* superior à redução sentida nos proveitos de operações ativas. Os rendimentos de instrumentos de capital aumentaram por seu turno 15,2 milhões de euros, conduzindo a um acréscimo de 14,3% na margem financeira alargada.

Bom desempenho das operações financeiras

Os resultados em operações financeiras totalizaram 302,0 milhões de euros no final do 1º semestre, comparativamente a 166,2 milhões em igual período do ano anterior, beneficiando do bom comportamento do mercado de dívida pública num contexto de descida acentuada das taxas de juro, bem como de um adequado *timing* na gestão da carteira de títulos da CGD.

Produto bancário com evolução positiva de 25,8%

As comissões líquidas atingiram 247,7 milhões de euros, montante muito próximo do observado no semestre homólogo de 2014 (-1,5%).

O produto bancário alcançou 1.154,2 milhões de euros no período em análise, uma evolução positiva de 25,8% face ao 1º semestre de 2014.

Custos operativos crescem 4,3% decorrente sobretudo da expansão da atividade internacional

Os custos operativos registaram um aumento homólogo de 26,8 milhões de euros (+4,3%), não obstante a política de otimização da eficiência e racionalização operacional prosseguida. Este comportamento traduziu sobretudo o aumento dos custos com pessoal em 24,5 milhões de euros (+6,9%) face ao período homólogo do ano anterior, para o que contribuiu o decréscimo acentuado da taxa de desconto de responsabilidades com pensões e a dinâmica de expansão da atividade internacional do Grupo, com alargamento de rede de agências e reforço dos quadros, sobretudo das filiais BCI Moçambique (abertura de 32 novas agências entre junho de 2014 e junho de 2015) e o Banco Caixa Totta de Angola (mais 6 agências).

Estas últimas duas filiais contribuíram também de forma expressiva para o crescimento de 4,5 milhões de euros (+2,1%) verificado nos fornecimentos e serviços de terceiros.

Rácio *cost-to-income* de 54,9% que compara com 67,4% no 1º semestre de 2014

Face à evolução descrita, e beneficiando do crescimento do produto bancário, o indicador de *cost-to-income* situou-se em 54,9%, valor inferior aos 67,4% registados no semestre homólogo de 2014, e significativamente mais favorável do que os 75,5% verificados no final de 2014.

CUSTOS OPERATIVOS E AMORTIZAÇÕES

(milhões de euros)

	2014-06	2015-06	Variação	
			Abs.	(%)
Custos com pessoal	352,5	377,0	24,5	6,9%
Outros gastos administrativos	219,0	223,5	4,5	2,1%
Depreciações e amortizações	54,1	52,0	-2,1	-3,9%
Total	625,7	652,5	26,8	4,3%

Traduzindo a conjugação de todos estes fatores, o resultado bruto de exploração totalizou 501,6 milhões de euros no semestre, superior em 72,1% ao registado no período homólogo do ano anterior. Merece especial relevo o desempenho muito positivo da banca comercial doméstica, cujo contributo para o resultado bruto de exploração consolidado atingiu 270,5 milhões de euros, correspondente a um aumento de 176,2 milhões de euros face ao período homólogo de 2014. O contributo da atividade internacional representou 40,5% do total.

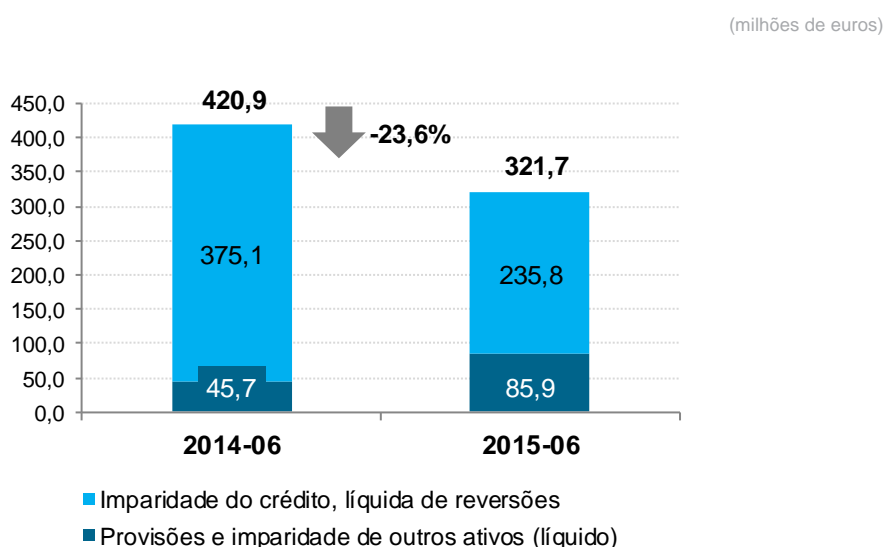
CONTRIBUTO PARA O RESULTADO BRUTO DE EXPLORAÇÃO

(milhões de euros)

	2014-06	2015-06	Variação	
			Abs.	(%)
Banca comercial nacional	94,2	270,5	176,2	187,0%
Atividade internacional	157,1	203,0	45,9	29,2%
Banca de investimento	49,0	28,3	-20,7	-42,3%
Outros	-8,8	-0,2	8,6	-
Resultado bruto de exploração	291,5	501,6	210,1	72,1%

O montante de provisões e imparidades atingiu, no semestre, 321,7 milhões de euros, uma redução de 99,2 milhões de euros (-23,6%) face aos 420,9 milhões de euros do período homólogo. A melhoria gradual da envolvente económica e financeira permitiu assim a redução do custo do risco de crédito que se situou em 0,66% no 1º semestre de 2015, comparativamente a 1,02% no semestre homólogo do ano anterior.

PROVISÕES E IMPARIDADE NO PERÍODO



Os encargos com impostos somaram no 1º semestre 119,6 milhões de euros, para o que contribuiu o impacto do tratamento fiscal das provisões para crédito temporariamente não

Contributos relevantes tanto da atividade internacional como doméstica para o resultado bruto de exploração consolidado

Redução do custo do risco de crédito para 0,66% (1,02% no 1º semestre de 2014)

Manutenção da trajetória descendente dos custos com provisões e imparidades

dedutíveis e a contribuição extraordinária sobre o setor bancário (30,9 milhões de euros), conduzindo a um resultado líquido consolidado de 47,1 milhões de euros, que expressa face ao valor do 1º semestre de 2014 uma melhoria de 216,4 milhões de euros.

Balanço

No final de junho de 2015, o ativo líquido consolidado do Grupo totalizou 100.238 milhões de euros, valor que traduz uma estabilização face ao final do ano anterior (+86 milhões de euros, +0,1%).

A carteira de crédito a clientes, incluindo créditos com acordo de recompra, ascendeu a 71.855 milhões em termos brutos e 66.639 milhões em termos líquidos, o que correspondeu, em termos homólogos, a uma redução dos saldos do crédito de 1,7% e de 2,2% respetivamente.

As aplicações em títulos, incluindo os ativos com acordo de recompra e derivados de negociação, totalizaram 19.951 milhões de euros, mostrando um acréscimo de 495 milhões de euros (+2,5%) face a junho de 2014. Comparativamente ao final de 2014 o aumento da carteira foi de 389 milhões de euros (+2,0%).

O total do passivo, no montante de 93.847 milhões de euros, registou um ligeiro acréscimo de 0,9% face a junho de 2014.

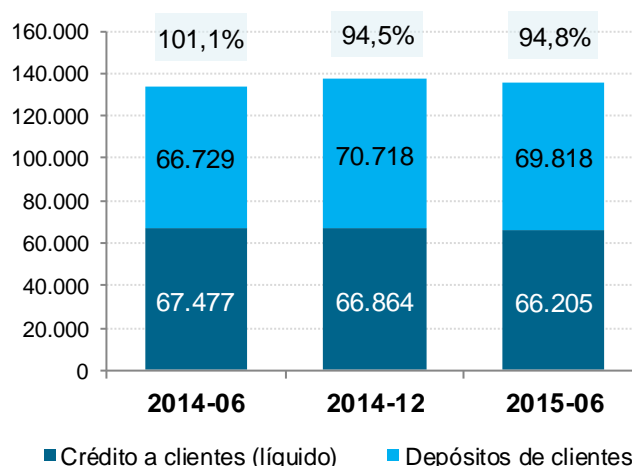
Os recursos de clientes aumentaram 3.116 milhões de euros face ao final do 1º semestre de 2014 (+4,6%), atingindo 70.242 milhões de euros.

O rácio de transformação atingiu os 94,8%, refletindo um *gap* comercial negativo de 3.613 milhões de euros, o que evidencia a robustez da capacidade de captação de recursos de retalho da CGD.

Robustez da capacidade de captação de recursos de retalho da CGD

RÁCIO CRÉDITO / DEPÓSITOS

(milhões de euros)



O rácio de crédito vencido com mais de 90 dias atingiu 7,4%, valor superior ao rácio de 7,0% verificado um ano antes, e de 7,1% verificado em dezembro do ano anterior. A respetiva cobertura por imparidade situou-se em 99,1% em junho de 2015.

Os rácios de crédito em risco e de crédito reestruturado, calculados de acordo com os critérios do Banco de Portugal, situaram-se em 12,4% e 10,1%, respetivamente (12,2% e 10,6% no final de 2014). De referir o efeito penalizador nestes indicadores da redução do

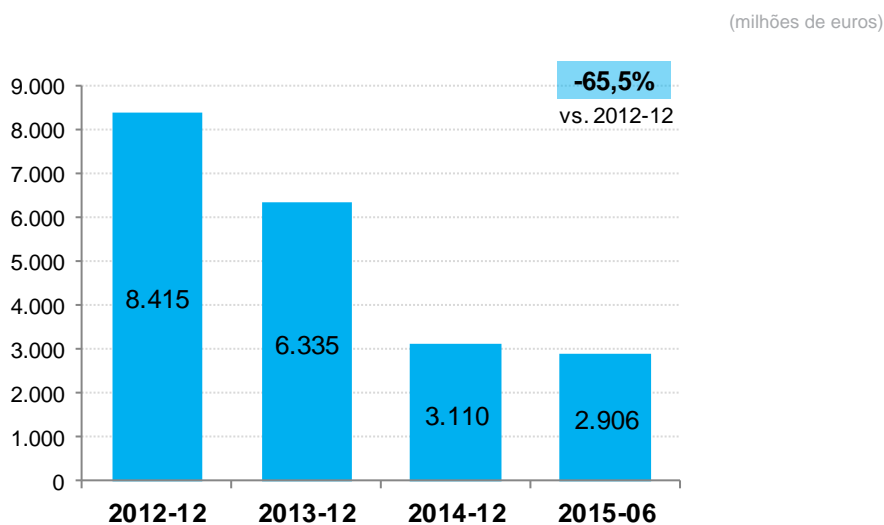
saldo da carteira.

Liquidez

No primeiro semestre de 2015 o Conselho do BCE manteve uma política monetária de estímulo ao crescimento, na qual se inclui o programa alargado de compra de ativos – *Quantitative Easing* –, no valor de 60 mil milhões de euros mensais, a ocorrer até final de setembro de 2016 ou até que haja um ajustamento sustentado da trajetória da inflação, consistente com o objetivo de alcançar o limite de 2% no médio prazo. Estas medidas têm permitido a flexibilização das condições de financiamento global e no acesso ao crédito por parte das pequenas e médias empresas.

No âmbito desta estratégia do BCE, o Grupo CGD substituiu parte do seu financiamento junto do Eurosistema pelas novas Operações de Prazo Alargado Direcionadas (TLTRO), aproveitando as condições de financiamento mais favoráveis. Para além disso, e face à evolução positiva da liquidez, o Grupo reduziu também o total dos recursos captados no BCE para 2,9 mil milhões de euros no final de junho, contra os 3,1 mil milhões de euros atingidos em dezembro de 2014. Considerando apenas a CGD, o financiamento obtido reduziu-se para 1,25 mil milhões no final de junho (-250 milhões, face a dezembro de 2014) correspondendo integralmente a operações de longo prazo (TLTRO).

FINANCIAMENTO DO BCE (CONSOLIDADO)



Redução sustentada de financiamento junto do BCE

Pool de ativos disponíveis aumentou para 9.055 M€

Em paralelo, e no mesmo período, o Grupo CGD reduziu também o montante de ativos elegíveis afetos à *pool* do BCE em 1.183 milhões de euros (-9,0%) para 11.962 milhões de euros em junho de 2015. O valor de ativos disponíveis na referida *pool* era pois de 9.055 milhões de euros no final do 1º semestre de 2015, o que compara favoravelmente com os 7.806 milhões de euros disponíveis um ano antes.

No início do ano, a CGD efetuou uma nova emissão de Obrigações Hipotecárias (OH) no montante de 1.000 milhões de euros com uma maturidade de 7 anos e taxa de cupão de 1%, nível historicamente baixo para emissões de dívida portuguesa nesta maturidade. A procura atraiu investidores com uma expressiva dispersão geográfica, com realce para a participação de investidores alemães (23%), tendo sido colocado um montante superior ao das emissões anteriores (750 milhões de euros em 2013 e em 2014), com uma visível redução do custo de financiamento.

Em janeiro 2015 nova emissão de 1.000 M€ de OH a 7 anos com cupão historicamente baixo (1%)

O indicador *Liquidity Coverage Ratio* (LCR) atingiu no final de junho 135,9% (99,9% um ano antes), valor significativamente acima do requisito mínimo de 60% exigido a partir de outubro de 2015 e de 100% para 2018, atestando a situação de liquidez confortável do Grupo CGD.

LCR de 135,9%
atesta situação de
liquidez confortável

Solvência

Os capitais próprios do Grupo totalizaram 6.391 milhões de euros no final de junho de 2015, apresentando uma redução de 798 milhões de euros (-11,1%) face ao observado no final de junho de 2014, influenciada sobretudo pela evolução de "Outras reservas e resultados transitados".

CAPITAIS PRÓPRIOS

(milhões de euros)

	2014-06	2014-12	2015-06
Capital social	5.900,0	5.900,0	5.900,0
Reservas de justo valor	373,5	411,8	200,9
Outras reservas e resultados transitados	-97,1	-437,9	-756,8
Interesses que não controlam	902,5	966,9	999,9
Resultado de exercício	110,1	-348,0	47,1
Total	7.189,0	6.492,8	6.391,1

CET 1 *phased-in* e
fully implemented de
10,8% e 9,6%,
respetivamente

Os rácios *Common Equity Tier 1* (CET1) *phased-in* e *fully Implemented*, calculados de acordo com as regras da CRD IV / CRR e considerando a aplicação do regime especial dos Ativos por impostos diferidos, alcançaram em 30 de junho de 2015, 10,8% e 9,6%, respetivamente, valores que comparam com 11,5% e 10,6% registados um ano antes.

5 – Segmentos de atividade

Banca comercial

No primeiro semestre de 2015, a CGD manteve o enfoque estratégico no reforço do seu posicionamento como “Banco das Empresas”, com equipas de gestores comerciais dedicados às PME, microempresas e empreendedores – prosseguindo o apoio à economia, suportado numa completa oferta setorial e numa forte presença internacional e com foco no apoio à tesouraria e à capitalização das empresas.

Considerando os seus compromissos estratégicos de reforço dos níveis de eficiência operacional e de racionalização dos custos de distribuição, a CGD prosseguiu o programa de otimização da sua rede de distribuição. Assim, durante o 1º semestre de 2015, verificou-se um ajustamento da presença da CGD ao nível da rede física de retalho doméstica, que totalizava, a 30 de junho, 695 agências universais (-25 face ao final de 2014) e 26 gabinetes Caixa Empresas (-1), num total de 721 unidades de negócio.

Não obstante esta redução, a rede comercial da CGD continua a ser a mais densa do país, mantendo o enfoque na diferenciação positiva da experiência do cliente e da dinâmica comercial, designadamente através do alargamento dos serviços de gestão dedicada, cobrindo mais de 1 milhão clientes particulares e 40 mil clientes empresa.

Nas agências, a dinamização comercial da oferta da CGD junto dos clientes particulares é feita através de um dos três modelos de serviço presenciais:

- Caixazul - em junho de 2015, 922 gestores dedicados eram responsáveis pelo acompanhamento e apoio personalizados a cerca de 262 mil clientes em espaços exclusivos de 565 agências.
- Caixa Mais - no final do 1º semestre, 1.335 assistentes comerciais asseguravam a gestão relacional de aproximadamente 642 mil clientes com potencial de crescimento de negócio, num total de 661 agências.
- Modelo Universal - transversal à rede de agências e contava, em junho de 2015, com 695 unidades de atendimento.

No segmento das empresas, a dinamização comercial manteve o enfoque na consolidação do modelo de serviço Caixa Empresas, que tem subjacente um serviço de atendimento personalizado e o aconselhamento financeiro prestado às PME, através de uma rede própria de 26 gabinetes com 100 gestores dedicados, e aos empresários em nome individual (ENI) e microempresas, através de uma equipa de 319 gestores dedicados e da disponibilização de um espaço Caixa Empresas em 688 agências da CGD.

Ao nível dos canais não presenciais, no final de junho existiam 4.562 equipamentos para satisfação, em autosserviço, das necessidades financeiras de clientes.

Otimização da rede de distribuição da CGD, a mais densa do país

Dinamização comercial com atendimento personalizado e aconselhamento financeiro prestado às PME

Disponibilização de novos serviços no Caixa e-banking

O canal Caixa *e-banking*, apoio fundamental à gestão corrente dos clientes empresa e institucionais, registou uma variação homóloga dos contratos com utilização frequente (3 meses) de +7,8%, e das operações em valor de +24%, superando os 22 mil milhões de euros. A sua dinâmica assenta na disponibilização de novos serviços financeiros, destacando-se até junho a implementação das funcionalidades “Negociação Cambial” e “Gestão de Tesouraria”:

- A funcionalidade de negociação cambial disponibiliza uma estrutura de consulta de câmbios e realização de operações cambiais, capaz de dar todo o apoio necessário na estratégia de comércio externo da empresa.
- A gestão de tesouraria permite à empresa consultar o seu contrato de *factoring* e/ou *confirming* e efetuar toda a gestão de recebimentos de clientes e pagamentos a fornecedores, em tempo real, contribuindo desta forma para o equilíbrio da sua tesouraria em cada momento.

O canal Caixadirecta disponibiliza aos clientes particulares, o acesso às suas contas via *online*, telefone, mobile, sms, e App para Windows 8, Android e iOS, em função da sua necessidade e conveniência. No semestre, foram movimentados no canal +8%, em valor, face ao mesmo período de 2014, registando-se ainda uma evolução positiva nos contratos com utilização frequente (3 meses), de +7,6%.

No 1º semestre obteve relevância o tema da intermediação financeira, com a funcionalidade de “Consulta de Cotações em Tempo Real” que permite acompanhar, a todo o momento, a evolução da cotação dos títulos que compõem o mercado Euronext, a negociação de obrigações e a transferências de títulos.

Disponibilizou-se também uma nova App Caixadirecta para Windows Phone, com a qual a CGD completa a sua presença nas principais plataformas móveis e complementa a oferta já disponibilizada para Windows.

Recursos

A CGD mantém a liderança nos depósitos de clientes com 28,4% do mercado

A quota de mercado dos depósitos de clientes continuou a ser dominante em Portugal, 28,4% em maio de 2015, destacando-se a de particulares com 31,6%.

Depósitos em Portugal cresceram 2,4% totalizando 57.760 M€

Assistiu-se a uma evolução positiva da captação de recursos na rede comercial doméstica, mais 2.499 milhões de euros comparativamente a junho de 2014, destacando-se os depósitos que cresceram 2,4% totalizando 57.760 milhões de euros.

No segmento das empresas a captação de recursos cresceu 7,3%, com destaque para o crescimento dos depósitos (+6,6%), dos seguros financeiros (+9,1%) e dos fundos de investimento (+23,1%).

Captação de recursos nacionais na rede doméstica aumentou 7,3% nas empresas e 4,5% nos particulares

Nos particulares a totalidade dos produtos de captação na rede comercial doméstica cresceu 4,5%, destacando-se o crescimento quer dos fundos (+16,6%), quer dos seguros financeiros (+21,6%).

Os depósitos do setor público administrativo registaram um crescimento homólogo de 37,4%, que corresponde a uma quota de mercado de 34,8% em maio de 2015.

Em termos do universo do Grupo, o saldo dos recursos captados (excluindo o mercado interbancário) totalizou 109 045 milhões de euros, ou seja, um crescimento de 4,8% face a junho de 2014, para o que contribuiu também a evolução favorável dos recursos fora de balanço, que aumentaram 8,4%.

CAPTAÇÃO DE RECURSOS PELO GRUPO CGD – SALDOS

(milhões de euros)

	2014-06	2014-12	2015-06	Variação 2015-06 vs 2014-06		Variação 2015-06 vs 2014-12	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
No balanço	78.021	80.737	80.838	2.817	3,6%	101	0,1%
Retalho	68.792	72.796	71.850	3.058	4,4%	-945	-1,3%
Depósitos de clientes	66.729	70.718	69.818	3.088	4,6%	-900	-1,3%
Outros recursos de clientes	2.063	2.078	2.032	-31	-1,5%	-45	-2,2%
Investidores institucionais	8.328	7.041	8.088	-241	-2,9%	1.047	14,9%
EMTN	2.897	2.282	2.346	-551	-19,0%	64	2,8%
Obrigações hipotecárias	4.558	4.579	5.557	999	21,9%	978	21,3%
Outros	874	180	185	-689	-78,8%	5	2,8%
Estado Português (CoCos)	900	900	900	0	0,0%	0	0,0%
Fora do balanço	26.022	27.291	28.207	2.185	8,4%	917	3,4%
Fundos de Investimento Mobiliários	3.615	3.663	3.936	321	8,9%	273	7,5%
Fundos de Investimento Imobiliários	1.410	1.327	1.292	-118	-8,3%	-35	-2,7%
Fundos Pensões	2.655	3.172	3.343	688	25,9%	172	5,4%
Gestão de Patrimónios	18.342	19.129	19.636	1.293	7,1%	507	2,6%
Total	104.043	108.027	109.045	5.002	4,8%	1.018	0,9%
Total excl. invest. inst. e Estado Português	94.815	100.086	100.058	5.243	5,5%	-29	0,0%

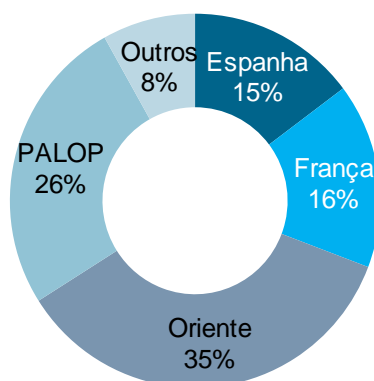
Não considerando os recursos captados junto dos investidores institucionais e os CoCos, a variação homóloga foi de mais 5.243 milhões de euros (+5,5%).

Os depósitos de clientes progrediram 4,6% em termos anuais, totalizando 69.818 milhões de euros.

O contributo da área internacional para o total dos depósitos manteve-se muito favorável, atingindo um total de 15.876 milhões de euros (+14,5% do que em junho de 2014), destacando-se as unidades na Ásia, África e França.

DEPÓSITOS DE CLIENTES NA ÁREA INTERNACIONAL

(%)



Nota: PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

Os depósitos da área internacional aumentaram 14,5%, destacando-se as unidades na Ásia, África e França

No primeiro semestre de 2015, o montante de ativos fora de balanço geridos aumentou 8,4% face a junho de 2014 para 28.207 milhões de euros, em resultado da boa receptividade dos clientes particulares aos fundos mobiliários e de pensões.

O montante gerido pelos 30 fundos de investimento mobiliários Caixagest registou um crescimento líquido de 273 milhões de euros nos primeiros seis meses do ano, atingindo 3.936 milhões de euros no final de junho, aplicados em diversos mercados financeiros internacionais. Para esta evolução positiva contribuíram sobretudo os fundos de mercado monetário, multi-ativos, ações e alternativos, comercializados em articulação com a rede CGD.

Os 27 fundos imobiliários geridos pela Fundger totalizaram 1.292 milhões de euros no final de junho. O fundo aberto Fundo Fundimo continuou a registar um decréscimo no montante gerido, embora menos acentuado que anteriormente, enquanto os fundos fechados, maioritariamente afetos ao desenvolvimento e promoção imobiliária, mantiveram algum abrandamento de atividade.

O valor patrimonial dos fundos geridos pela CGD Pensões situou-se em 3.343 milhões de euros no final de junho de 2015, mais 5,4% que no início do ano, traduzindo o elevado número de subscrições nos fundos de pensões abertos e o aumento das contribuições para os fundos fechados.

No âmbito da gestão de patrimónios, a Caixagest continuou a desenvolver este serviço numa lógica de proximidade da rede comercial da CGD e dos respetivos clientes em carteira. Tendo em vista a captação de novos clientes, as propostas de serviço têm vindo a ser ajustadas à nova conjuntura, situando-se o valor das carteiras geridas no final de junho em 19.636 milhões de euros.

As comissões recebidas na atividade de gestão de ativos nos primeiros seis meses ascenderam a 25,9 milhões de euros, o que corresponde a um acréscimo de 5,6% face ao semestre homólogo de 2014, destacando-se as geradas pelos fundos mobiliários Caixagest (10,6 milhões de euros, +10,7%).

Comissões recebidas na atividade de gestão de ativos aumentaram 5,6%

Crédito

A conjuntura económica em Portugal e nos seus principais parceiros comerciais da área Euro tem condicionado a procura de crédito por parte das empresas. Nestas circunstâncias, não obstante a estratégia de orientação da CGD para o financiamento das pequenas e médias empresas estar a ser concretizada, como demonstra o crescimento homólogo das novas operações quer da rede de Particulares e Negócios (+17%), quer de Gabinetes (+41%), ainda não é possível repor as amortizações naturais da carteira, verificando-se um decréscimo de 3,3% do respetivo saldo face ao verificado no final de 2014, influenciado pela contração no crédito a Grandes Empresas.

De referir na nova produção de crédito a empresas, os aumentos nas áreas de comércio, turismo e setor primário, merecendo especial destaque o crescimento da nova produção de crédito a PME's no primeiro semestre de 2015 (+37,1%) face ao período homólogo de 2014.

Reforçando o seu papel de banco motor da economia nacional, a CGD implementou durante o 1º semestre de 2015 um conjunto de ações que reforçam a sua oferta para empresas, destacando-se o lançamento de várias linhas de crédito, tanto internas como governamentais, nomeadamente:

- Caixa 2020 – uma solução global de financiamento e acompanhamento técnico para apoio às candidaturas ao Programa Portugal 2020;
- Linha BEI 2015 – destinada a apoiar uma ampla tipologia de projetos, com prazos alargados e redução do preço em função do relacionamento comercial;

Lançamento da Linha Caixa 2020 para financiamento no âmbito do Programa Portugal 2020

- Caixa Comércio e Serviços – uma solução integrada de produtos e serviços bancários, incluindo TPA.

A otimização das condições de preço nas operações de crédito a empresas, alinhadas com o respetivo risco e com as condições do mercado, assim como a revisão da grelha de benefícios condicionados ao envolvimento comercial, ajudaram a reforçar a relação dos clientes CGD com o seu Banco, nomeadamente através do alargamento do conjunto de produtos estratégicos a que pode ser aplicada.

Quanto às campanhas dirigidas a empresas, destacam-se as relativas à “Oferta Ibérica”, reforçando o papel da CGD como banco de apoio às empresas portuguesas com negócios em Espanha, e a “Oferta Setorial”, direcionada aos setores do turismo, restauração, comércio e serviços.

No âmbito das Linhas de Crédito PME Investe, dirigidas a PME, foram concedidos cerca de 114,1 milhões de euros de novos créditos no 1º semestre de 2015, totalizando 1.431 milhões de euros em carteira no final de junho de 2015.

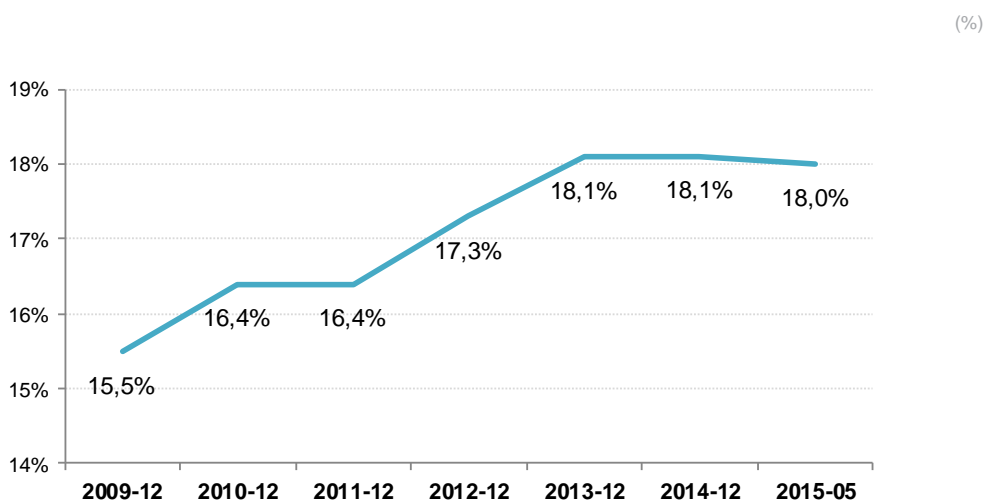
Nas Linhas PME Crescimento 2015, a CGD detém uma quota de mercado de 23,7%, tendo mantido a segunda posição de mercado nas Linhas PME Crescimento 2014 com 17,9%. Destaca-se ainda a CGD na Linha Investe QREN com uma quota de 51,5%.

Para o total das Linhas PME Crescimento 2015/2014/Investe QREN, a CGD lidera com uma quota de mercado de 21,8%.

Num contexto de forte agressividade por parte de importantes bancos a operar neste segmento em Portugal, a quota da CGD de crédito a empresas situou-se em 18,0% em maio de 2015 (18,1% no final de 2014).

Quota de mercado do crédito a empresas situou-se em 18,0%

QUOTA DE MERCADO - CRÉDITO A EMPRESAS



Salienta-se o aumento da quota de mercado do crédito a empresas em prazos até 1 ano, de 17,9% em dezembro 2014 para 18,3% em maio 2015, evidenciando desta forma o reforço no apoio à tesouraria do tecido empresarial português. A mesma quota em prazos superiores a 5 anos foi de 21,3% em maio de 2015.

Evolução favorável da quota de mercado de crédito a empresas até 1 ano num contexto de forte competitividade

Já no segmento de clientes particulares, a CGD prosseguiu com o desenvolvimento de iniciativas destinadas ao reforço da competitividade e valorização da sua oferta no âmbito do crédito hipotecário. Destacam-se, neste domínio:

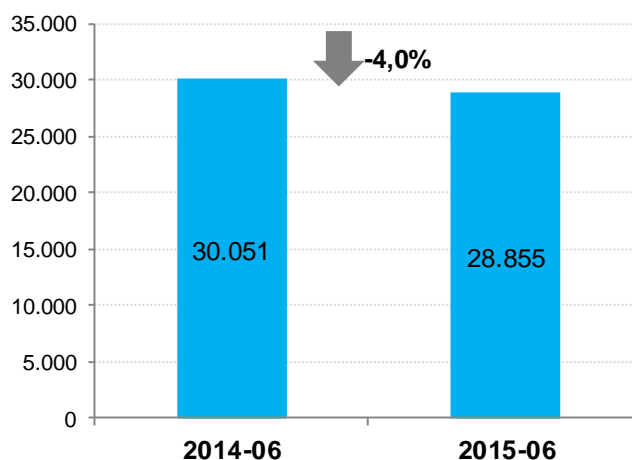
- A revisão do *pricing* do crédito hipotecário, promovida através da atualização dos parâmetros do “Modelo de *Pricing* Ajustado ao Risco” garantindo a devida adequação quer às condições de mercado quer aos níveis de risco;
- A melhoria da oferta de indexantes de taxa de base fixa, permitindo ao cliente beneficiar de uma maior estabilidade no valor da prestação imunizando-o relativamente ao impacto de uma eventual subida da taxa de base variável.

Carteira de crédito à habitação diminuiu 4,0% apesar do crescimento nas novas operações (+58,5%)

A carteira de crédito a habitação da CGD ascendeu a 28.855 milhões de euros no final de junho de 2015, tendo diminuído 4% face a igual data do ano anterior. Desde 2011 que o montante agregado de amortizações e liquidações supera o de novas operações, resultando numa redução gradual no montante de crédito em carteira.

CARTEIRA DE CRÉDITO HABITAÇÃO - REDE COMERCIAL (PORTUGAL)

(milhões de euros)



Contudo, as novas operações de crédito à habitação têm registado uma tendência crescente no decurso do ano de 2015, com uma produção acumulada de 380 milhões de euros no primeiro semestre do ano, o que representa uma variação homóloga de 58,5%.

Cerca de 23% das novas operações de crédito a habitação destina-se a aquisição de imóveis do Grupo CGD e de Parceiros Caixa, para o que tem contribuído o esforço crescente na divulgação dos imóveis e a disponibilização de condições de financiamento diferenciadas mais favoráveis.

Assim, a comercialização da carteira de imóveis detidos para venda do Grupo CGD tem evoluído favoravelmente, registando uma variação homóloga de +54% no valor das vendas registadas durante o 1º semestre. A rede comercial da CGD tem assumido um peso crescente na comercialização destes imóveis, dada a complementaridade entre o processo de venda de imóveis e a colocação de novas operações de crédito imobiliário.

Em termos consolidados, o crédito a clientes (bruto) atingiu 71.855 milhões de euros no final de junho, valor inferior em 1.205 milhões (-1,7%) ao registado em igual data do ano anterior. A CGD Portugal totalizou 54.478 milhões de euros e as restantes unidades do Grupo 17.377 milhões de euros, representando respetivamente 76% e 24% do total do crédito a clientes.

CRÉDITO A CLIENTES ^(a) (CONSOLIDADO)

(milhões de euros)

	2014-06	2014-12	2015-06	Variação 2015-06 vs 2014-06		Variação 2015-06 vs 2014-12	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
CGD Portugal	56.680	55.670	54.478	-2.202	-3,9%	-1.192	-2,1%
Empresas	21.900	21.289	20.579	-1.322	-6,0%	-710	-3,3%
Setor público administrativo	2.931	3.139	3.107	176	6,0%	-32	-1,0%
Institucionais e outros	710	768	917	206	29,1%	148	19,3%
Particulares	31.138	30.474	29.876	-1.262	-4,1%	-598	-2,0%
Habitação	30.051	29.418	28.855	-1.196	-4,0%	-563	-1,9%
Outras finalidades	1.087	1.056	1.021	-66	-6,1%	-35	-3,3%
Outras unidades do Grupo	16.380	17.114	17.377	997	6,1%	262	1,5%
Total	73.060	72.785	71.855	-1.205	-1,7%	-930	-1,3%

(a) Antes de imparidade e incluindo créditos com acordos de recompra.

Os bancos localizados em África registaram um crescimento homólogo de 17,4% no crédito a clientes bruto, totalizando 2.929 milhões de euros no final de junho de 2015. Salientam-se o Mercantile e o BCI Moçambique com crescimentos superiores a 25% e na Ásia o BNU Macau com um acréscimo de 1.042 milhões de euros, +59,1% face a junho de 2014. Globalmente, a atividade internacional aumentou o seu crédito a clientes em 9,0%, para 13.911 milhões de euros no final de junho de 2015.

No crédito bruto salientam-se os crescimentos homólogos verificados no BCI e no Mercantile (ambos com aumentos superiores a 25%) e BNU Macau (+59%)

Atividade internacional

O desempenho da área internacional do Grupo Caixa durante o primeiro semestre foi favorável em termos globais.

Na área de empresas a CGD desenvolveu um conjunto de iniciativas e atividades de integração do negócio internacional, numa ótica de maximização de sinergias para apoio à rede comercial doméstica e internacional.

Estas atividades têm permitido um aprofundamento do conhecimento e partilha de informação que se tem traduzido numa maior dinâmica na articulação e potenciação do negócio internacional, consubstanciando-se num aumento global do número de novos clientes.

Assim, a Caixa em articulação com as unidades no exterior (nomeadamente, as localizadas em Espanha, França, Angola, Brasil, Moçambique, África do Sul, China/Macau), continua a desenvolver um forte empenhamento da sua atividade assente na plataforma internacional do Grupo CGD para o desenvolvimento da relação com clientes internacionalizados nesses mercados e, bem assim, para o incremento do negócio de comércio externo, com especial destaque para o realizado intra-Grupo.

Salienta-se ainda a organização, de várias ações de dinamização e capacitação empresarial, tanto em Portugal como em alguns dos mercados prioritários da Caixa, destinados à potenciação de oportunidades de negócio entre clientes.

Na Europa, Espanha é a primeira linha de esforço de internacionalização das empresas portuguesas, tendo o Grupo CGD reestruturado esta presença por forma a melhorar a sua oferta no eixo ibérico tanto ao nível da rede comercial disponível nos dois países como ao nível da oferta de produtos e serviços específicos.

Desempenho favorável da área internacional do Grupo Caixa

Maximização de sinergias para apoio à rede comercial doméstica e internacional

BCG Espanha está a cumprir todos os objetivos consignados no plano de reestruturação acordado pelo Grupo com a DGCom

O Banco Caixa Geral (BCG) em Espanha está a cumprir todos os objetivos consignados no plano de reestruturação acordado pelo Grupo com a DGCom, com o efetivo de pessoal a alcançar 519 empregados e uma rede de 109 agências.

O realinhamento da estratégia e o redimensionamento da rede e do quadro de pessoal possibilitaram ao BCG focar-se no apoio às empresas espanholas e portuguesas que operam no mercado ibérico e nos mercados externos onde o Grupo CGD está presente, o que se traduziu num crescimento de 30% no crédito concedido a entidades que operam nestes mercados. Fruto deste enfoque o crédito total do BCG cresceu este semestre, pela primeira vez desde 2010, cerca de 2,5%, tendo o crescimento em empresas mais do que compensado a redução por amortização da carteira de crédito hipotecário.

A resiliência da carteira de depósitos, contrariando a tendência de decréscimo verificada em Espanha nos primeiros meses do ano, permitiu manter a taxa de transformação do Banco nos 120%.

Em Angola o Banco Caixa Totta de Angola (BCGTA) mantém como foco estratégico o segmento empresarial, articulando em estreita colaboração com os outros bancos do Grupo o acompanhamento do negócio dos clientes do Grupo, quer em termos do apoio ao investimento em Angola, quer relativamente à dinamização do comércio externo entre Angola e as diversas geografias onde o Grupo está presente.

Em Moçambique o Banco Comercial e de Investimentos (BCI) efetuou, em junho de 2015, um aumento de capital para 6.808.799.060 meticais, através da incorporação de reservas, no montante de 3.081.274.880 meticais, e da subscrição de novas ações, no montante de 727,524,180 meticais, tendo a CGD, através da Parbanca SGPS, S.A. subscrito no *pro rata* da sua participação.

O BCI é o banco com maior reconhecimento entre os grandes bancos moçambicanos, tanto a nível nacional como internacional por parte de diversas entidades, refletindo a qualidade do trabalho que o BCI tem vindo a desenvolver nos últimos anos:

- PMR Africa: O Melhor Banco para Particulares e o Melhor Banco para Empresas / Diamond Arrow Award, pelo segundo ano consecutivo;
- World Finance: Melhor Banco Comercial em Moçambique pelo quinto ano consecutivo;
- The African Banker: Melhor Banco Comercial na África Austral – 2015;
- Global Banking & Finance Review: O Melhor Banco Comercial em Moçambique – 2015 e O Melhor Banco de Retalho em Moçambique – 2015, pelo terceiro ano consecutivo;
- International Finance Magazine: O Melhor Banco Comercial em Moçambique – 2014 pela primeira vez;
- Superbrand Moçambique 2015: pelo terceiro ano consecutivo e desde a primeira edição.

Estes prémios representam o reconhecimento internacional do desempenho do BCI no mercado moçambicano, onde, nos últimos anos, tem vindo a assumir um papel de grande relevância na prestação de serviços bancários.

O BCI e o BCGTA têm também contribuído para o desenvolvimento social e económico dos países onde estão sediados através do trabalho desenvolvido na sua atividade em prol do desenvolvimento da economia, das empresas e das famílias.

Na Ásia refira-se o papel ativo do BNU no desenvolvimento do negócio *cross-border* e intra-Grupo, nomeadamente através da dinamização de visitas de delegações de

BCI é o Banco com maior reconhecimento nacional e internacional entre os grandes bancos moçambicanos

empresas a Macau, fomentando a organização de reuniões com potenciais parceiros locais

No que concerne ao negócio com clientes particulares residentes no estrangeiro, segmento estratégico para o Banco pelo peso que representa no total de recursos dos clientes particulares e pelo elevado potencial de crescimento dada a atual conjuntura económica, a Caixa manteve o seu foco na dinamização e consolidação de relações através da sua rede comercial e modelos de atenção específicos para este segmento de clientes, designadamente o serviço Caixadirecta Internacional e Caixazul Internacional (para os clientes com maior património).

No período em apreço, o negócio dos clientes particulares residentes no estrangeiro na CGD registou um reforço quer na captação de recursos, quer no agregado global de operações ativas, contribuindo assim favoravelmente para os resultados da Caixa.

Das principais atividades desenvolvidas durante este período, será de salientar a dinamização de campanhas temáticas dirigidas a este segmento, aproveitando a vinda de muitos clientes a Portugal, nomeadamente no período de férias da Páscoa.

A área internacional do Grupo CGD contribuiu com um resultado líquido consolidado de 44,7 milhões de euros no 1º semestre de 2015, o que representou um aumento de 39,2 milhões de euros face aos valores apurados no semestre homólogo do ano anterior.

CONTRIBUTO DA ÁREA INTERNACIONAL PARA O RESULTADO LÍQUIDO CONSOLIDADO

(milhões de euros)

	2014-06	2015-06	Variação
BNU Macau	19,5	28,5	9,0
Sucursal de França	-25,2	18,0	43,2
Banco Caixa Geral Espanha	12,0	15,6	3,6
Banco Caixa Geral Totta Angola	7,4	10,6	3,2
Banco Comercial de Investimento (Moçambique)	6,4	8,6	2,3
Outros	-14,5	-36,6	-22,1
Total internacional	5,5	44,7	39,2

No conjunto das geografias onde a CGD está presente, o conjunto das sucursais registou um contributo negativo para o resultado líquido consolidado da Caixa de cerca de 17,1 milhões de euros, enquanto as demais entidades geraram um lucro de 61,8 milhões de euros.

O resultado bruto de exploração do conjunto das filiais e sucursais no exterior, em base consolidada, registou um comportamento muito positivo, com um aumento de 45,9 milhões de euros (+29,2%) relativamente ao período homólogo do exercício anterior, atingindo 203,0 milhões de euros no 1º semestre de 2015.

Importa destacar, nomeadamente, os resultados obtidos em algumas das principais presenças internacionais do Grupo CGD, que contribuíram muito positivamente para o resultado consolidado da atividade internacional, como é o caso do BNU Macau, com um resultado líquido de 28,5 milhões de euros, da Sucursal de França com 18 milhões de euros, do BCG em Espanha com 15,6 milhões de euros e também do BCGTA em Angola, com um resultado líquido de 10,6 milhões de euros.

Ainda na área internacional, o crédito a clientes, líquido de imparidades, atingiu 13,9 mil milhões de euros, o que representa um incremento de 9,1% face a junho de 2014. A

Dinamização do segmento dos residentes no estrangeiro com a melhoria das funcionalidades disponíveis no Caixazul Internacional e no Caixadirecta Internacional

Aumento do contributo da área internacional para o resultado líquido em 39,2 milhões de euros

extensa rede internacional tem contribuído fortemente para o incremento da captação de recursos e uma menor dependência do Grupo do financiamento externo. Assim, a captação de recursos evidenciou um acréscimo significativo, ao registar uma variação positiva de 14,8%, para 16,1 mil milhões de euros. O ativo líquido consolidado da área internacional verificou um incremento homólogo de 10,6%, ascendendo a 22 mil milhões de euros.

Banca de investimento

A atividade do Caixa Banco de Investimento (CaixaBI) no 1º semestre do ano gerou um produto bancário de 31,2 milhões de euros, sendo de 33,9 milhões de euros se ajustado pelo impacto negativo do registo de abates na carteira de derivados.

O atual enquadramento macroeconómico continuou a penalizar os resultados do Banco, de 0,7 milhões de euros no semestre, afetados pelo reforço de provisões e imparidades, que ascenderam a 16,9 milhões de euros. Um contributo positivo foi dado pelos resultados de ativos financeiros com um montante de 2,7 milhões de euros neste semestre.

O CaixaBI participou em diversos negócios emblemáticos, reforçando a sua posição de liderança na banca de investimento. Apresentam-se de seguida os destaques pelas principais áreas de negócio.

Project Finance

Destacam-se nesta área duas operações: a conclusão do projeto de reequilíbrio económico-financeiro da concessão de serviço público municipal de abastecimento de água ao município de Cascais – Águas de Cascais –, que incluiu um aditamento dos contratos de financiamento; e a conclusão da reestruturação do passivo financeiro da Tratolixo.

Structured Finance

São de referir a assessoria no âmbito da estruturação e montagem do processo da reorganização do passivo financeiro do Grupo Promor e do Grupo Marques, a assessoria financeira na alienação de créditos detidos pela CGD – Sucursal de Espanha, e a participação enquanto *arranger* no financiamento à aquisição, por parte de diversos investidores luso-brasileiros, de quatro blocos de ações representativas de 30% do capital social e direitos de voto da Brisa – Concessão Rodoviária, SGPS.

Corporate Finance – Assessoria

Destacam-se as assessorias financeiras à Fidelidade (no processo de avaliação económica e financeira da Via Directa), à Efacec (na alienação de uma participação de 65,4% na Efacec Power Solutions), à Ardian (na aquisição de participações em diversas concessões da Ascendi Group, SGPS, S.A.), e a José de Mello (na alienação de uma participação de 30% na Brisa - Concessão Rodoviária).

Adicionalmente, foram efetuadas avaliações económico-financeiras de diversas participadas da CGD, no âmbito de análises de imparidade a participações financeiras, bem como para a Parcaixa a avaliação económico-financeira das participadas Águas de Portugal e Caixa Leasing e Factoring.

CaixaBI com produto bancário de 31,2 M€

Mercado de Capitais – Dívida

No mercado primário de obrigações, destacam-se as seguintes operações:

- República de Portugal: *joint lead manager* e *bookrunner* da emissão de OT com vencimento em 2025 (3.500 milhões de euros), novo *benchmark* a 10 anos, e da emissão de OT com vencimento em 2045 (2.000 milhões de euros), emissão com a maturidade mais longa da República. *Co-lead manager* no *tap* de ambas as emissões (2.000 milhões e 500 milhões de euros, respetivamente).
- CGD: *joint lead manager* e *bookrunner* de emissão de obrigações hipotecárias com vencimento em 2022 (1.000 milhões de euros).
- REN: *joint lead manager* e *bookrunner* de emissão de *notes* com vencimento em 2025 (300 milhões de euros).
- NOS: *joint lead manager* e *bookrunner* da emissão de obrigações com vencimento em 2022 (150 milhões de euros).
- EDP: *joint lead manager* e *bookrunner* da emissão de obrigações com vencimento em 2025 (750 milhões de euros).
- Brisa: *joint lead manager* e *bookrunner* da emissão de obrigações com vencimento em 2025 (300 milhões de euros).
- Altri/Celbi: organização e liderança de emissão obrigacionista com vencimento em 2021 (35 milhões de euros).
- Sonae: organização e liderança de emissão obrigacionista com vencimento em 2022 (100 milhões de euros).
- Mota-Engil: coordenação global de emissão obrigacionista com vencimento em 2020 (95 milhões de euros), envolvendo uma Oferta Pública de Subscrição e uma Oferta Pública de Troca.
- Bank of America: *co-lead manager* de emissão de *notes* com vencimento em 2025 (750 milhões de euros).

Adicionalmente, o CaixaBI organizou e liderou doze novos programas de papel comercial, dos quais se destacam as emissões da NOS (100 milhões de euros), da Portucel (100 milhões de euros), da Secil (50 milhões de euros), da Altri/Celbi (25 milhões de euros), da RAR/Colep (23,5 milhões de euros), do Grupo Barraqueiro (20 milhões de euros) e da Iberian Salads (12,5 milhões de euros).

Mercado de Capitais – Ações

No 1º trimestre de 2015, o Banco foi *joint bookrunner* na alienação de uma participação da José de Mello Energia, S.A. na EDP através de um *accelerated bookbuilding*. A participação alienada consistiu num bloco de 73,2 milhões de ações da EDP, representativas de 2,0% do seu capital social. A oferta atingiu um montante total de aproximadamente 249 milhões de euros e obteve um elevado sucesso, tendo alcançado um nível de procura que excedeu o total de ações existentes para venda.

Intermediação Financeira

De acordo com os dados publicados pela CMVM relativos a maio de 2015, o CaixaBI/CGD intermediaram um volume de 1.300 milhões de euros no mercado de ações nacional, o que corresponde a uma quota de mercado de 9,1%.

Relativamente a operações de mercado com a participação do CaixaBI, são de destacar:

- José de Mello Energia: *joint bookrunner* no *accelerated bookbuilding* de 2% do capital da EDP.
- Outras operações: ABB de 22,5% da Havas, IPO da Ecolsllops e IPO de ELTE.

Área financeira e de Estruturação

O desempenho do CaixaBI enquanto *liquidity provider* manteve-se positivo, continuando o Banco a atuar sobre um conjunto de títulos cotados na Euronext Lisbon, tendo a Euronext atribuído ao CaixaBI o *rating* máximo “A” em todos os títulos e categorias. Também de assinalar a atividade pioneira do Banco no novo segmento criado pela Euronext para fomento de liquidez junto de investidores de retalho, o *Retail Matching Facility*.

Rating máximo “A”
como *liquidity provider* em todos os títulos (Euronext)

Sindicação e Vendas

Nesta área salienta-se a participação do CaixaBI nas emissões atrás referidas (Mercado de Capitais – Dívida) da CGD, REN, NOS, EDP, Brisa, Bank of America e República de Portugal. Nesta última, desempenhou ainda o seu papel de OEVT nos leilões de dívida pública ocorridos no semestre.

Adicionalmente, realizou 91 emissões de Papel Comercial, correspondentes a um volume de 1.075 milhões de euros.

Capital de Risco

Foram objeto de apreciação 103 projetos, dos quais 26 mereceram aprovação. Os projetos aprovados correspondem a um investimento potencial de aproximadamente 89,1 milhões de euros, dos quais foram concretizados 8,1 milhões de euros.

6 – Rating

No 2º trimestre de 2015, no seguimento de medidas regulatórias e legislativas introduzidas – Diretiva de Recuperação e Resolução Bancária (BRRD) e Mecanismo Único de Resolução (SRM) – que reduziram significativamente a probabilidade de suporte governamental aos bancos, as principais agências de *rating* reviram as notações atribuídas aos bancos a nível global.

Redução da probabilidade de suporte governamental aos bancos afeta *ratings*

	CGD			Portugal		
	Curto Prazo	Longo Prazo	Data	Curto Prazo	Longo Prazo	Data
Standard & Poor's	B	BB-	2015-05	B	BB	2015-03
FitchRatings	B	BB-	2015-05	B	BB+	2015-03
Moody's	N/P	B1	2015-06	N/P	Ba1	2014-07
DBRS	R-2 (mid)	BBB (low)	2015-05	R-2 (mid)	BBB (low)	2015-05

Assim, em 22 de maio, a Fitch Ratings reduziu o *Long-Term Issuer Default Rating* da CGD de 'BB+' para 'BB-', tendo reafirmado o *Viability Rating*, de 'bb-'. Adicionalmente melhorou o *outlook* de 'negativo' para 'estável'.

Por seu turno, em 11 de junho, como resultado da implementação da sua nova metodologia de *rating* de bancos, a Moody's reviu em alta a notação *Standalone Baseline Credit Assessment* (BCA) da CGD de 'caa1' para 'b3'. Simultaneamente, reviu em baixa a notação de longo-prazo para os depósitos e a dívida sénior de 'Ba3' para 'B1', com perspetiva 'estável' e 'negativa', respetivamente. As notações de curto-prazo para os depósitos e a dívida sénior mantiveram-se em '*Not Prime*'.

Também a DBRS, tendo em atenção a alteração do suporte sistémico, em 20 de maio colocou sob revisão os *ratings* de um conjunto alargado de bancos europeus, tendo no entanto referido que os *ratings* da CGD não são afetados por esta ação, dado que o *Intrinsic Assessment* (IA) do Banco, de 'BBB (low)', não beneficiar atualmente de *uplift* decorrente do suporte estatal.

Em 28 de maio de 2015, a Standard & Poor's reafirmou os *ratings* de longo e curto prazo da CGD, de 'BB-' e 'B' respetivamente, bem como o seu *Stand-Alone Credit Profile* (SACP), de 'b+'. O *outlook* manteve-se 'estável'.

7 – Sustentabilidade

A CGD continua a manter uma posição de vanguarda, enquanto Banco com um assumido compromisso para com o investimento no futuro do País, em torno de uma visão a longo prazo.

Visão de Sustentabilidade do Grupo CGD:

- Negócio Responsável
- Comunidade
- Ambiente

Verificou-se, no decurso do semestre, a revisão da estratégia de sustentabilidade para o triénio 2015-2017, em torno de 10 áreas de atuação que integram a visão de sustentabilidade do Grupo CGD assentes em três temas – negócio responsável, comunidade e ambiente. A gestão do Programa Corporativo de Sustentabilidade e a comunicação e formação são aspetos transversais aos vários temas selecionados.



Consciente dos desafios sociais e ambientais emergentes, para além dos objetivos financeiros, a CGD assume uma preocupação estratégica que assegure uma atividade sustentável em linha com a imagem, reputação e contributo social ambicionados.

O site do Saldo Positivo, peça fundamental do Programa de Literacia Financeira da Caixa, registou, entre janeiro e junho de 2015, um crescimento significativo de visitantes (2.782 mil, +128% face ao período homólogo) e de visualizações de páginas (12.742 mil, +107%), tendo sido o melhor semestre de sempre desde o lançamento do portal.

A CGD mantém como estratégia o apoio ao desenvolvimento do empreendedorismo português. A este nível, refira-se a parceria ativa (patrocínio e investimento da Caixa Capital nos projetos mais promissores) com 2 aceleradores (Act by COTEC, Lisbon Challenge da Beta-i) e a possibilidade de renovação do apoio ao acelerador Building Global Innovators. A estes três aceleradores foram recentemente adicionadas mais duas parcerias: o acelerador da Carnegie Mellon University e o acelerador da Startup Braga.

Entretanto, e ainda no âmbito das incubadoras, foram recentemente inauguradas as novas instalações da Start Up Lisboa (na Rua da Prata 81, em Lisboa) espaço cujo naming passa a ser “espaço caixa empreender” e que conta com o apoio da CGD a título de patrocínio.

A CGD mantém ativo o patrocínio ao portal womenwinwin, dedicado à disseminação do espírito empreendedor no seio da comunidade feminina, tendo tido lugar na Culturgest vários *workshops* relacionados com este tema.

De referir ainda o conjunto de atividades desenvolvidas pela Caixa Capital ao nível do investimento em diversos projetos com diferentes estágios de desenvolvimento.

Em junho de 2015 a estratégia da CGD para as alterações climáticas foi reconhecida pelas Nações Unidas. O compromisso assumido pelo Banco na resposta às alterações climáticas foi destacado no portal da Convenção - Quadro das Nações Unidas para o Combate às Alterações Climáticas; (UNFCCC).

O Estudo Brandscore posiciona a Caixa como: marca bancária com maior notoriedade; marca bancária mais conotada com Sustentabilidade (social e ambiental); marca com maior relevância e apoio às Empresas e às Universidades; e marca bancária que mais apoia e patrocina ações e eventos de música, cultura, responsabilidade social e ambiental.

A CGD ficou posicionada em 8º lugar no *ranking* das 71 empresas europeias do setor que responderam ao questionário da Vigeo, encontrando-se no top 10 das empresas com melhor *performance* responsável.

Reconhecida pelos Portugueses e por especialistas da Superbrands, a Caixa viu consolidada a sua posição a nível nacional e internacional, sendo distinguida pela 7ª vez consecutiva como Marca de Excelência.

A CGD mantém, em 2015, um bom índice de reputação junto dos consumidores em geral – 64,9 pts – valor que garante a liderança no ranking bancário de reputação em Portugal.

Refira-se também que a Caixa recebeu, em março de 2015, o Prémio de Melhor Banco em Portugal, atribuído nos Europe Banking Awards 2014, pela revista EMEA Finance.

Liderança da Caixa no *ranking* bancário de reputação em Portugal

Prémio de Melhor Banco em Portugal em 2014

Caixa Geral de Depósitos

30 de julho de 2015

8 – Contas consolidadas

Balanço Consolidado em 30 de junho de 2015

(milhões de euros)

Ativo	2014-06	2014-12	2015-06	Variação 2015-06 vs 2014-06		Variação 2015-06 vs 2014-12	
				Abs.	(%)	Abs.	(%)
Caixa e disponibilidades em bancos centrais	1.166	2.118	1.903	737	63,2%	-215	-10,1%
Aplicações em instituições de crédito	3.750	3.012	4.186	436	11,6%	1.174	39,0%
Crédito a clientes	67.477	66.864	66.205	-1.273	-1,9%	-659	-1,0%
Aplicações em títulos	18.784	18.972	19.073	289	1,5%	101	0,5%
Ativos com acordo de recompra	1.366	1.281	1.312	-54	-3,9%	31	2,4%
Ativos não correntes detidos para venda	741	804	838	97	13,1%	34	4,2%
Investimentos em filiais e associadas	307	319	295	-12	-4,1%	-24	-7,6%
Ativos intangíveis e tangíveis	838	828	818	-20	-2,3%	-10	-1,2%
Ativos por impostos correntes	114	55	51	-63	-55,2%	-4	-7,2%
Ativos por impostos diferidos	1.363	1.425	1.461	98	7,2%	35	2,5%
Outros ativos	4.299	4.474	4.096	-203	-4,7%	-378	-8,4%
Total do ativo	100.205	100.152	100.238	33	0,0%	86	0,1%
Passivo							
Recursos de bancos centrais e instit de crédito	8.435	6.002	6.019	-2.416	-28,6%	17	0,3%
Recursos de clientes	67.126	71.134	70.242	3.116	4,6%	-892	-1,3%
Passivos financeiros	1.779	2.121	1.794	15	0,9%	-327	-15,4%
Responsabilidades representadas por títulos	8.369	7.174	8.170	-199	-2,4%	995	13,9%
Provisões	907	842	859	-48	-5,3%	18	2,1%
Passivos subordinados	2.525	2.428	2.426	-99	-3,9%	-2	-0,1%
Outros passivos	3.874	3.958	4.337	462	11,9%	378	9,6%
Total do passivo	93.016	93.659	93.847	831	0,9%	188	0,2%
Capitais próprios	7.189	6.493	6.391	-798	-11,1%	-102	-1,6%
Total do passivo e capitais próprios	100.205	100.152	100.238	33	0,0%	86	0,1%

Nota: Os valores relativos a junho de 2014 foram reexpressos refletindo a adoção da Interpretação IFRIC 21 do *International Financial Reporting Interpretations Committee*, que conduziu ao reconhecimento nas contas do primeiro semestre de 2014, pela sua totalidade, dos encargos suportados no exercício com a contribuição extraordinária sobre o setor bancário e com as contribuições para o Fundo de Garantia de Depósitos e Fundo de Resolução.

Demonstração de resultados consolidada em 30 de junho de 2015

(milhares de euros)

	2014-06	2015-06	Variação	
			Abs.	(%)
Juros e rendimentos similares	1.721.788	1.519.979	-201.808	-11,7%
Juros e encargos similares	1.240.560	981.115	-259.445	-20,9%
Margem financeira	481.227	538.864	57.637	12,0%
Rendimentos de instrumentos de capital	27.987	43.188	15.202	54,3%
Margem financeira alargada	509.214	582.052	72.838	14,3%
Rendimentos de serviços e comissões	323.410	311.869	-11.541	-3,6%
Encargos com serviços e comissões	72.030	64.165	-7.865	-10,9%
Comissões líquidas	251.380	247.703	-3.677	-1,5%
Resultados em operações financeiras	166.203	301.989	135.786	81,7%
Outros resultados de exploração	-9.555	22.418	31.973	-
Margem complementar	408.029	572.110	164.082	40,2%
Produto da atividade bancária	917.243	1.154.163	236.920	25,8%
Custos com pessoal	352.542	377.023	24.481	6,9%
Outros gastos administrativos	219.036	223.536	4.501	2,1%
Depreciações e amortizações	54.121	51.984	-2.136	-3,9%
Custos operativos e amortizações	625.698	652.543	26.845	4,3%
Resultado bruto de exploração	291.545	501.620	210.075	72,1%
Provisões e imparidade de outros ativos (líq.)	45.719	85.936	40.217	88,0%
Imparidade do crédito, líquida de reversões	375.138	235.762	-139.377	-37,2%
Provisões e imparidades	420.857	321.697	-99.160	-23,6%
Resultados de filiais detidas para venda	287.254	-349	-287.602	-100,1%
Resultados em empresas associadas	10.770	33.909	23.139	214,8%
Res. antes imp. e int. que não controlam	168.711	213.483	44.772	26,5%
Impostos	27.701	119.605	91.905	331,8%
Correntes e diferidos	-871	88.739	89.611	-
Contrib. extraord. sobre o setor bancário	28.572	30.866	2.294	8,0%
Resultado consolidado do exercício	141.011	93.878	-47.133	-33,4%
do qual:				
Interesses que não controlam	30.955	46.817	15.862	51,2%
Result. líq. atribuível ao acionista da CGD	110.056	47.061	-62.995	-57,2%

Nota: Os valores relativos a junho de 2014 foram reexpressos refletindo a adoção da Interpretação IFRIC 21 do *International Financial Reporting Interpretations Committee*, que conduziu ao reconhecimento nas contas do primeiro semestre de 2014, pela sua totalidade, dos encargos suportados no exercício com a contribuição extraordinária sobre o setor bancário e com as contribuições para o Fundo de Garantia de Depósitos e Fundo de Resolução.

